

JOSÉ BARRIAS **ESCREVER COM A LUZ**

Notas para a biografia de uma sombra

ORGANIZAÇÃO

Paula Pinto

DOCUMENTA

ORGANIZAÇÃO

Paula Pinto

JOSÉ BARRIAS
ESCREVER COM A LUZ

Notas para a biografia de uma sombra

DOCUMENTA

Artificiosa memória¹

E nós que cada vez mais nos vamos apercebendo que temos uma memória, nós avançamos continuando. E «quanto mais se avança – dizia Rilke – mais uma experiência se torna particular, pessoal, única, e o objecto de arte é finalmente a declaração necessária, irreprimível, o mais possível definitiva desta singularidade» [...] Até porque – era a premissa – «os objetos de arte são sempre o resultado de termos estado em perigo.» (j.b.)

In AA.VV., *José Barrias Etc...*, FCG, Lisboa, 1996.

Se a luz é sempre a fonte da sombra, então a sombra, em vez de ser maliciosamente oposta à luz, pode e deve ser compreendida como o seu eco.

JEAN-CHRISTOPHE BAILLY, *L'instant et son ombre*, Paris, Seuil, 2008.

1

Ao reunirem-se documentos, fotografias, desenhos e outros objectos gráficos e pessoais, oriundos de diferentes experiências e tempos, e ao considerar-se a possibilidade de um percurso expositivo, a presente mostra de José Barrias, adopta um novo e

1. Texto publicado na folha de sala/catálogo da exposição «José Barrias. Escrever com a Luz: Notas para a Biografia de uma Sombra», que teve lugar no CAAA Centro para os Assuntos da Arte e Arquitectura, Guimarães, de 1 de Novembro a 28 de Dezembro de 2019, agora editado com pequenas modificações.

inédito ciclo, em cujo núcleo se integra a *artificiosa memória* das sombras.

No conjunto singular da obra de José Barrias, uma pequena fotografia originou e deu continuidade, desde 1970, a um trajecto de múltiplas imagens, edições e momentos expositivos, que nos leva, agora, a considerar o motivo das suas diferentes «réplicas», combinatórias e variantes expressivas. Esta pequena imagem – o *retrato-sombra do artista quando fotógrafo* (p. 76) – parece assombrar, como testemunha aparentemente muda e fantasmática, a experiência visual e afectiva de diversas obras e exposições com as quais ela indistintamente se relaciona. De certa maneira, trata-se de uma simples ampliação fotográfica onde se destaca a figura da própria sombra do artista no acto de fotografar-se, gesto – dir-se-ia suspenso, dialecticamente «parado» – que se rebate sobre o inelutável chão de uma narrativa, ao mesmo tempo espectral e autobiográfica.

Biografia de uma Sombra é o título que traduz a força de conexão desta imagem «original», a qual atravessa e transporta, poder-se-á dizer, um duradouro e sempre renovado projecto artístico. Neste caso, na exposição que se apresenta, as séries e sequências de imagens que lhe são subsequentes, bem como aquelas que a polarizam e dela divergem, constituem no essencial uma cronologia improvável de assombros: uma biografia autorizada pela extraordinária refacção dos materiais que a suscitam e visualmente a «documentam».

Esta *biografia*, a começar pela pequena fotografia, que agora se revela, parece decidir-se não tanto pela captura e fixação de um *auto-retrato do artista*, mas antes pela meditação do carácter inimitável do seu surgimento, ou seja, do seu nascimento – «escrito pela luz» – que opera a partir do seu interior: a sombra imóvel, difusa, mas trémula – como o adejo de asas de um anjo – surge como um clarão num momento de perigo. Do nascimento dessa imagem-sombra resulta, na sua fórmula parturiente, a vertigem do *não-ser*, como condição de todas as sombras, mas também o

pathos do tempo, ou seja, um *afecto do tempo*, em que intervém a separação de Si mesmo e o pulsar da emoção. Esta experiência da separação, do tempo padecido e da disposição sensível manifesta a tonalidade afectiva de uma «origem»; um afecto que o sentido inimitável das sucessivas imagens, em articulação neste ciclo expositivo, dá a ver, muito para além da sua condição de reproduzibilidade, de simulação ou de analogia.

A memória é assim o órgão onde se inscreve essa tonalidade afectiva do tempo e da disposição existencial, e o artifício, a arte que procede à sua virtual impregnação e força de actualização. Nesta *biografia*, a figura da sombra não se opõe, por isso, à luz, ao seu clarão; ela repete-se como um eco visual, mas também como um vestígio do clamor (e da fala) que, mesmo vinda de longe, nos interpela.

2

Eis o que a sombra dá a ver: a *artificial memória*, a separação de si mesmo, a vertigem de *não ser* e a provação de ser afectado pelo tempo. As sombras surgem assim como um esmagamento, uma queda sem espessura, como o acorde de uma tensão que se levanta, perfil ou silhueta erguida, que cai e se eleva: objecto tangível onde a proximidade e a lonjura são inferidas num mesmo movimento, numa figuração de sonho, em vestígios que avivam o desejo criativo do artista.

Como em diferentes ciclos da obra de José Barrias, o sentido das imagens, sejam elas fotografias, desenhos ou pinturas, opera – e avança continuamente – sobre o sentido plástico, sensorial e abrangente das sombras, acolhendo por isso a antiguidade da sua «origem» e a surpresa da sua «vida póstuma», seja como enigma da vida, irrupção do que foi, emoção de um apagamento ou a sua própria escrita (*skiografia*).

No processo criativo de José Barrias, as sombras e os efeitos que produzem não se destinam a exhibir qualquer realismo ou inferência realística, nem a sugerir séries de semelhanças, mais ou

pathos do tempo, ou seja, um *afecto do tempo*, em que intervém a separação de Si mesmo e o pulsar da emoção. Esta experiência da separação, do tempo padecido e da disposição sensível manifesta a tonalidade afectiva de uma «origem»; um afecto que o sentido inimitável das sucessivas imagens, em articulação neste ciclo expositivo, dá a ver, muito para além da sua condição de reprodutibilidade, de simulação ou de analogia.

A memória é assim o órgão onde se inscreve essa tonalidade afectiva do tempo e da disposição existencial, e o artifício, a arte que procede à sua virtual impregnação e força de actualização. Nesta *biografia*, a figura da sombra não se opõe, por isso, à luz, ao seu clarão; ela repete-se como um eco visual, mas também como um vestígio do clamor (e da fala) que, mesmo vinda de longe, nos interpela.

2

Eis o que a sombra dá a ver: a *artificiosa memória*, a separação de si mesmo, a vertigem de *não ser* e a provação de ser afectado pelo tempo. As sombras surgem assim como um esmagamento, uma queda sem espessura, como o acorde de uma tensão que se levanta, perfil ou silhueta erguida, que cai e se eleva: objecto tangível onde a proximidade e a lonjura são inferidas num mesmo movimento, numa figuração de sonho, em vestígios que avivam o desejo criativo do artista.

Como em diferentes ciclos da obra de José Barrias, o sentido das imagens, sejam elas fotografias, desenhos ou pinturas, opera – e avança continuamente – sobre o sentido plástico, sensorial e abrangente das sombras, acolhendo por isso a antiguidade da sua «origem» e a surpresa da sua «vida póstuma», seja como enigma da vida, irrupção do que foi, emoção de um apagamento ou a sua própria escrita (*skiagrafia*).

No processo criativo de José Barrias, as sombras e os efeitos que produzem não se destinam a exhibir qualquer realismo ou inferência realística, nem a sugerir séries de semelhanças, mais ou

menos óbvias ou imaginadas, mas antes a suscitar uma condição de limiar e abertura, de laceração e dissociação de tempos, de circunstâncias e emoções que põem à prova a sua própria força de contágio e expressão. Outras imagens, fotografias e desenhos – material inédito incluído –, repercutem articuladamente a dinâmica de uma configuração mais vasta, feita de hipotéticos simulacros, de repetições e desvanecimentos, mas também de materialidades dúcteis e macias, de outras figurações e concepções espaciais, e ainda de palavras, que no seu conjunto se podem justamente designar como «coleção» ou «câmara de ecos».

Na verdade, a sombra gera sempre um assombro dentro do assombramento, a sua condição é a de *poder* e a de *poder não* existir, tal como um fantasma. Para existir, ela vem coincidir com a ínfima espessura, com o suporte mínimo, por vezes transparente – carvão ou grafia de luz – que lhe restitui o ser. Assim, por exemplo, nos desenhos, o negro do carvão nasce de uma «mesma sombra», tal como a mão do desenhador irrompe do interior da sua própria mão (p. 99). Através do desenho, o artista opera assim a ressonância e o (des)aparecimento de todas as sombras, na vibração que emerge do carvão ou da grafite, na oscilação que faz nascer a superfície, na atmosfera que dá impulso à sua figura, na diferença que reemerge da repetição, ou ainda na situação do espaço, e também da fala, que se inscreve nos gestos.

A arte de Barrias funda uma reencenação dos olhares que atravessa todos os meios, da fotografia à pintura, do vídeo ao objecto, do livro ao espaço, da escrita à poesia, mas para instaurar as condições de uma partilha imaginal e sensorial sobre a passagem do tempo e a sua episódica e verosímil captação.

Neste teatro da memória, as sombras, na sua imobilidade, ao concentrarem virtualmente todos os movimentos, velocidades e impaciências do tempo, devolvem-nos essa possibilidade de perscrutação, de expectativa ficcional e narrativa, de fruição e de receptividade crítica. Nesses espaços coligidos e montados de J. Barrias, o *auto-retrato em sombra* ou a *silhueta-totem* contraem

a singularidade dessa *artificiosa memória* que advém da singularidade fugitiva das sombras, breve e vã metáfora do real, *vanitas* e reflexo do quotidiano, que ao longo dos trabalhos e dos dias vai inscrevendo a separação, o luto e o exílio, e cuja estratégia visual de repetição hipnotiza a *ausência* multiplicando-lhe os ecos, a memória e os artifícios.

VÍTOR SILVA

Outubro 2019 – Abril 2020

Artificiosa Memoria¹

Vitor Silva

E noi, che ogni volta di più capiamo di avere una memoria, avanziamo continuando. E «quanto più si avanza – diceva Rilke – più una esperienza diventa particolare, personale, unica, e l'oggetto dell'arte è alla fin fine la dichiarazione necessaria, irrimediabile, il più possibile definitiva di questa singolarità» [...] Anche perché – questa la premessa – «gli oggetti d'arte sono sempre il risultato di un pericolo che abbiamo corso». (j.b)

In AA.VV., *José Barrias Etc...*, FCG, Lisbona, 1996.

Se la luce è sempre la fonte dell'ombra, allora l'ombra, invece di essere maliziosamente opposta alla luce, può e dev'essere compresa come la sua eco.

JEAN-CHRISTOPHE BAILLY, *L'instant et son ombre*, Paris, Seuil, 2008.

1

Nel riunire documenti, fotografie, disegni e altri oggetti grafici e personali, provenienti da esperienze e tempi differenti, e nel prendere in considerazione la possibilità di un percorso

1. Testo pubblicato sul libretto di sala/catalogo dell'esposizione «José Barrias. Scrivere con la luce: note per la biografia di un'ombra [José Barrias. Escrever com a Luz: Notas para a Biografia de uma Sombra]» che ha avuto luogo nel CAAA Centro para os Assuntos da Arte e Arquitectura, Guimarães, dal 1 novembre al 28 dicembre 2019, ora edito con lievi modifiche.

espositivo, la presente esposizione di José Barrias adotta un ciclo nuovo e inedito, nel cui nucleo si integra l'*artificiosa memoria* delle ombre.

Nell'insieme singolare dell'opera di José Barrias, una piccola fotografia ha originato e dato continuità, sin dal 1970, a una traiettoria di immagini multiple, edizioni e momenti espositivi, che ci porta a considerare, adesso, il motivo delle sue differenti «repliche», così come delle sue combinatorie e varianti espressive. Questa piccola immagine – *il ritratto-ombra dell'artista quando è fotografo* (p. 76) – sembra sorprendere, come un testimone muto e fantasmatico, l'esperienza visuale e affettiva di diverse opere ed esposizioni con cui si relaziona indistintamente. In qualche modo, si tratta di un semplice ingrandimento fotografico in cui si delinea la figura della stessa ombra dell'artista nell'atto di fotografarsi, gesto – si direbbe sospeso, dialetticamente «fermo» – che rimbalza sul terreno inevitabile di una narrativa, allo stesso tempo spettrale e autobiografica.

Biografia di un'ombra [*Biografia de uma Sombra*] è il titolo che traduce la forza di connessione di questa immagine «originale», la quale attraverso e trasporta, diciamo così, un

progetto artistico durevole e sempre rinnovato. In questo caso, nell'esposizione che viene presentata, le serie e le sequenze di immagini che ne derivano, come quelle che la polarizzano e ne divergono, costituiscono essenzialmente una cronologia improbabile di sorprese: una biografia autorizzata dalla straordinaria rifrazione dei materiali che la suscitano e la «documentano» visivamente.

Questa *biografia*, a cominciare dalla piccola fotografia che adesso viene rivelata, sembra decidersi non tanto attraverso la cattura e la fissazione di un *auto-ritratto dell'artista*, ma ancor prima attraverso la meditazione sul carattere inimitabile della sua genesi, cioè della sua nascita – «scritta dalla luce» – che opera a partire dal suo interno: un'ombra immobile, diffusa, ma tremula – come il battito d'ali di un angelo – *sorge come un bagliore in un momento di pericolo*. Dalla nascita di questa immagine-ombra risulta, nella sua formula partoriente, la vertigine del *non-essere*, come condizione di tutte le ombre, ma anche il *pathos* del tempo, ovvero, un *affetto del tempo*, in cui interviene la separazione da Se stesso e il pulsare dell'emozione. Questa esperienza della separazione, del tempo sofferto e della disposizione sensibile, manifesta la tonalità affettiva di

una «origine»; un affetto che il senso inimitabile delle immagini successive, articolate in questo ciclo espositivo, offre alla vista, ben al di là della loro condizione di riproducibilità, di simulazione o di analogia.

La memoria è così l'organo in cui si iscrive questa tonalità affettiva del tempo e della disposizione esistenziale, e l'artificio, l'arte che procede alla sua impregnazione virtuale e alla sua forza di attualizzazione. In questa *biografia*, la figura dell'ombra non si oppone, per questo, alla luce, al suo bagliore; essa si ripete come un'eco visuale, ma anche come un residuo del clamore (e del discorso) che, per quanto venga da lontano, ci interpella.

2

Ecco quello che l'ombra ci fa vedere: l'*artificiosa memoria*, la separazione da se stessi, la vertigine di *non essere* e la tribolazione di essere colpiti dal tempo. Le ombre sorgono così come uno schiacciamento, una caduta senza spessore, come l'accordo di una tensione che si alza, dal profilo o dalla *silhouette* eretta, che cade e si rialza: oggetto tangibile in cui la prossimità e la distanza sono dedotti in uno stesso movimento, in una raffigurazione di sogno, in residui che vivacizzano il desiderio creativo dell'artista.

Come accade in differenti cicli dell'opera di José Barrias, il senso delle immagini, siano esse fotografie, disegni o dipinti, opera – e sopravanza continuamente – il senso plastico, sensoriale e complessivo delle ombre, accogliendo per questo l'antichità della sua «origine» e la sorpresa della sua «vita postuma», sia come enigma della vita, irruzione di quel che è stato, emozione di un'espunzione o sua stessa scrittura (*skiagrafia*).

Nel processo creativo di José Barrias, le ombre e gli effetti che esse producono non sono destinati ad esibire alcun tipo di realismo o di inferenza realistica, né a suggerire serie di somiglianze, più o meno ovvie o immaginate, ma a suscitare innanzitutto una condizione di soglia e di apertura, di lacerazione e dissociazione di tempi, di circostanze ed emozioni che mettono alla prova la loro stessa forza di contagio e di espressione. Altre immagini, fotografie e disegni – incluso il materiale inedito –, riecheggiano la dinamica di una configurazione più vasta, fatta di ipotetici simulacri, di ripetizioni e dissolvenze, ma anche di materialità duttili e soffici, di altre configurazioni e concezioni spaziali, e ancora di parole, che nel loro insieme si possono giustamente designare come «collezione» o «camera di echi».

In verità, l'ombra genera sempre uno stupore in un luogo già infestato da fantasmi², la sua condizione è quella di *potere* e quella di *poter non* esistere, come un fantasma. Per esistere essa arriva a coincidere con lo spessore minimo, con il minimo supporto, a volte trasparente – carbone o grafia di luce – che le restituisce l'essere. Così, per esempio, nei disegni, il nero del carbone nasce da una «medesima ombra», così come la mano del disegnatore irrompe dalla sua stessa mano (p. 99). Attraverso il disegno, l'artista opera così la risonanza e la (s)comparsa di tutte le ombre, nella vibrazione che emerge dal carbone o dalla grafite, nell'oscillazione che fa nascere la superficie, nell'atmosfera che dà impulso alla sua figura, nella differenza che riemerge dalla ripetizione, o ancora, nella situazione dello spazio, e anche del discorso, che s'inscrive nei gesti.

L'arte di Barrias costituisce una nuova messinscena degli sguardi che attraversa tutti gli strumenti, dalla fotografia alla pittura, dal video all'oggetto, dal libro allo spazio, dalla scrittura alla poesia, ma allo scopo di instaurare le condizioni di una

2. Gioco di parole intraducibile in italiano tra *sombra*, ombra, *assombro*, stupore, spavento di fronte ad un'apparizione, e *assombramento*, che si riferisce, ad esempio, alle case infestate da fantasmi della narrativa maledetta.

EXPOSIÇÃO

José Barrias. Escrever com a Luz: Notas para a Biografia de uma Sombra

CAAA Centro para os Assuntos da Arte e Arquitectura

Guimarães, 1 Nov. - 28 Dez. 2019

Textos

Paula Pinto e Vítor Silva

Produção

Paula Pinto e Maria Luís Neiva

Montagem

Bárbara Fonte, António Machado,
Igor Gonçalves, Vítor Silva, Maria
Luís Neiva e Paula Pinto

Design da folha de sala

Sofia Pinto e Paula Pinto

Molduras

Felisberto Oliveira

Caixas de luz e ampliações fotográficas

Magyk Art Image

Agradecimentos

Maria da Graça Carmona e Costa,
Miguel Coutinho, Dinorah Lucas,
Pedro Sottomayor, Otília Oliveira,
Joana Paradinha, Margarida Chantre,
Laura Gonzalez, Skia Media, Leonor
Nazaré, Ricardo Areias, Carlos Lobo,
Joaquim Moreno Regina Lamoroux,
Victor Guedes, Jordi Valverde,
Paulo Pimenta, Fundação EDP,
Galeria Giefarte, Fundação Calouste
Gulbenkian, Fundação Ilídio Pinho e
a todos aqueles que quiseram manter o
anonimato.

Apoio:



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA

dgARTES
DIREÇÃO-GERAL
DAS ARTES



CAAA Centro para os Assuntos da Arte e Arquitectura